LISBOA — SEGUNDA-FEIRA, 25 DE JULHO DE 1921

Diario de Lisbôa

ANO 1.º — N.º 94 — 10 CENTAVOS

Secretario da redacção: ALVARO DE ANDRADE

Director, proprietario e editor
JOAQUIM MANSO

Redacção, Administração e Oficinas
RUA DO MUNDO, 116, 1
Telefone 487 (C.) — Endereço telegrafico Diboa

NA RUSSIA quem governa, neste momento, é a fome — a furia celebre de gestos desvairados. Emquanto os teóricos do comunismo lutam para tirar a Lenine a supremacia que lhe assegurou o ultimo congresso pan-russo, a fome, que não conhece cartilha nem bandeira, uiva como uma fera desencadeada, nas margens do Volga.

Os loucos atiram-se ao rio, os ajuizados abandonam os seus lares miseraveis e emigram á maneira antiga, como os scitas.

A fome, a peste e a guerra assolam a Russia.

Diz-se que de tanta dôr nascerá um dia uma Russia feliz, florida, magnifica.

Triste miragem!

Quanto melhor fôra para todos os russos, que um idealismo incendiario lançou para fora da realidade e da vida, ter ao menos um pedaço de pão para viverem tranquilos!

As revoluções, que tudo se propõem reformar, acabam quasi sempre em tiranias em que só o odio fermenta em liberdade. Os bolchevistas foram tão ferozes, que não é de espantar que venham a ser vitimas da ferocidade que os fez temidos.

* * *

S. BENTO reabre hoje as suas portas, para estreia do novo Parlamento — para inauguração da época de verão.

Deputados e senadores, habituados já a pisar os Passos Perdidos, de mistura com debutantes acanhados e receiosos, principiarão esta tarde a torrentear eloquencia, a abrir as torneiras da verbosidade, com um prodigalismo que flagrantemente contrastará com a sovinice actual das torneiras da Companhia das Aguas.

Os que ficaram de fóra, aqueles que a voz falaz das urnas não proclamou, curtem neste momento tristezas amarissimas, saudades espicaçantes e não resistirão talvez á tentação de ir espreitar, erguendo os reposteiros, o que se passa lá dentro.

Reabre hoje S. Bento. Deve estar já aberta a sessão. Faz-se «reprise» da complexa comédia «Ordem do dia», muito árida, horrivelmente carpinteirada, falhada de tecnica, vasia de interesse.

A vêr se os novos interpretes conseguirão dar-lhe desta vez um certo cunho de originalidade, representando-a com energia e sinceridade...

* * *

DENTRO de alguns dias o governo remodelará a policia de segurança do Estado, colocando á sua frente um juiz.

* * *

NUNCA uma desgraça vem sósinha; nunca uma infelicidade deixa de provocar outra infelicidade

Carpentier, ainda ha pouco batido pelo murro formidavel da America, acaba de perder o primeiro premio no concurso de beleza masculina, efectuado pelo jornal «Fantasio», de Paris. Foi apenas classificado em segundo lugar.

O segundo Dempsey de Carpentier é o actor André Brulé, que obteve o primeiro premio.

Se tivesse sido diferente o resultado do «match» de New Jersey, a alma feminina da França teria por certo preferido o »boxeur» ao actor.

O NOVO PARLAMENTO

Começa hoje uma nova legislatura que tem de especial o facto de suceder a uma outra que terminou por uma dissolução — caso virgem na vida da Republica.

Incontestavel já que as causas que determinaram o gesto presidencial, ajudado por um pronunciamento nas terras infecundas do Parque Eduardo VII, continuarão a produzir os mesmos efeitos, visto que o «gachis» parlamentar e o politico, que é daquele um reflexo directo, se mantem, e talvez agravado. Isto quere dizer, pelo menos, que as eleições nada resolveram, admitindo por hipotese que nada agravaram.

De quem a culpa? De muita gente: governo, eleitorado, partidos.

Os acontecimentos tambem concorreram para assegurar a passagem dos vicios do antigo Parlamento para o novo, visto que se desenrolaram num tão curto espaço de tempo, que quasi não deram a perspectiva suficiente para que o pensamento dos governantes os previsse e aproveitasse em seu favor.

Agora achamo-nos perante o irremediavel.

Que se há de fazer? Pedir outra vez a dissolução isso seria demasiado, pois é um medicamento tão energico que, tomado com frequencia, mata o doente para o outro mundo.

Machado dos Santos sustenta a necessidade doutra revolução.

Embora muito apreciemos as qualidades que o fundador da Republica possue para êste genero de pirotecnica, achamos que não podemos abusar dos assuntos heroicos que, se já nos deram os «Lusiadas», tambem nos têm dado alguns espectaculos dignos da Cafraria — terra onde os herois se devoram uns aos outros como especies inimigas.

Que nos resta, portanto?

Aproveitar as circunstancias, tirando delas a maior utilidade possivel. E' costume, entre nós, soltar grandes frases de condenação, quando se trata de apreciar as qualidades dos politicos ou os valores duma instituição. Não conhecemos o justo termo: ou perdemos a cabeça com entusiasmos irreflectidos ou caimos num desalento total.

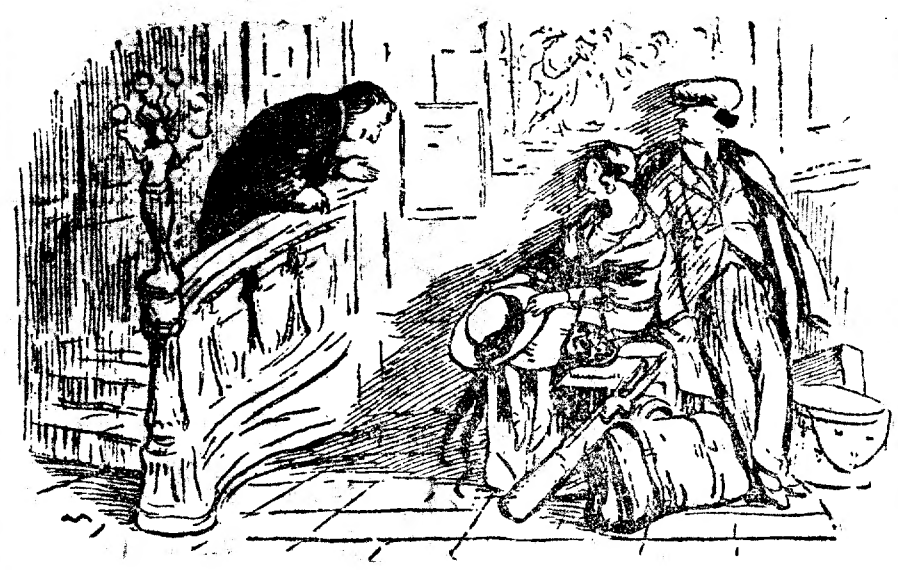
O Parlamento dissolvido foi alvo de censuras, criticas, reprovações e protestos, como jámais se viram. Razão não faltava para tanto, se bem que o exagêro contribuisse para reforçar e até deformar o que havia de justo em tamanha indignação.

A propria imprensa entrou no côro com a sua voz potente, rubra como uma fornalha. Fez-se tal confusão, que ninguem se entendia. Dessa confusão saiu um pouco o Parlamento que hoje reune pela primeira vez. Temos que o aguentar.

O que importa é que dentro dêle se não levantem tormentas inuteis, guerras de palavras. Que os srs. deputados e senadores nos evitem o perigo da instabilidade dos governos. Que êstes, por seu lado, se empenhem em governar.

O publico e a imprensa que se não impacientem, mas que, pelo contrário, trabalhem para evitar os movimentos colectivos de pessimismo que, nos povos doentes, são fonte de longas calamidades.

Na hora do veraneio



(Desenho de Lucien Métiret)

O dono do hotel: — Tenham paciencia. Vou apagar a luz e desejo-lhes boa noite. O quarto n.º 36 estará á vossa disposição no curto espaço de quarenta e oito horas...

EM Castelejo, um comerciante foi roubado em condições tão misteriosas que êle não poude imaginar qual o processo usado pelo gatuno.

Atribuia, porêm, ao roubo o valor firme de 6.000$. E chorava por esta quantia lagrimas que a muita gente pareciam exageradas.

Aconteceu que a recaptura de um marau celebre, o «Cireneu» — note-se a degenerescencia dêste nume! — levou o roubado a suspeitar dêle. Interrogou-o cautelosamente e o «Cireneu», mais conhecido em Castelejo que Homero na sua patria, declarou que fôra êle o heroi da proeza. Calculou o roubo em 1.500$.

As duas avaliações — a do comerciante e a do gatuno — divergem muitissimo. Porquê?

O primeiro, habituado, certamente, a fazer negocios com grande lucro, cedeu nos seus calculos á mania da alta dos preços.

O segundo, afeito aos azares da vida, aos perigos de se apropriar do alheio, decidiu-se pelas seduções do baixo preço. São duas vocações que se revelaram. Resta agora que a Justiça determine quem errou.

* * *

O «SECULO» ensina hoje as mulheres desageitadas a dar banho ás crianças. Depois de explicar que a mão esquerda desempenha o papel de sustentar pela nuca meninos e meninas, elucida ainda: «A mão livre serve então para lavar o corpo».

Resta acrescentar, para completo conhecimento das senhoras ignorantes, que no caso da pessoa que dá o banho ser canhota, deve segurar a criança com a mão direita e lavá-la com a esquerda.

Se, depois de tantas explicações, houver ainda alguem que não saiba dar banho a inocentes — é porque lê, decididamente, pelo compendio de «O Seculo».

* * *

DURANTE a visita dos americanos a Sintra desapareceu a grande chave mourisca do Castelo dos Mouros, bem como muitas chaves do antigo palacio real.

A policia já tem conhecimento oficial do caso.

Custa-nos acreditar que o furto tenha sido praticado pelos marinheiros «yankees».

Na America do Norte não há fechaduras onde tais modelos de chaves possam servir. Nem tão pouco se pode aventar a suposição de que as houvessem subtraido para garantir com maiores comodidades novas visitas ao Castelo e ao Palacio.

Os americanos devem saber que as nossas tradições de hospitalidade lhes franqueiam a passagem sempre que o seu sentimento artistico o desejar.

* * *

DEDUZ-SE claramente do segredo em que se quiz manter as reuniões dos vários partidos, com representação no Parlamento, que êles ainda não adoptaram uma linha de conduta. As reservas e cautelas, porêm, são já tantas, que não são de bom prognóstico.

A escolha da comissão de verificação de poderes deve ser um belo indice de coisas futuras.

O governo, se algum empenho tem em existir, deve apresentar propostas de finanças em condições de fazer compreender aos seus adversarios a urgencia de as discutirem e aprovarem.

A' VOLTA DE UMA CAMPANHA

O nativismo brasileiro vai acabar...

Uma opinião de João do Rio — Uma afirmação de Nilo Peçanha
Um artigo do "Jornal de Comercio" de S. Paulo

Um mês antes de morrer, Paulo Barreto escrevia no seu jornal que o chamado nativismo brasileiro estava agonisante. Perante a sua maravilhosa campanha de protesto, perante a sua patriotica defesa da raça lusitana — igual e *una* em Portugal e no Brasil — o movimento de *lusofobismo*, que ameaçava alastrar e que, alastrando, seria um perigo sério não só para o prestigio do nome português, como para a propria segurança pessoal dos nossos compatriotas residentes no Rio de Janeiro, — encolhia as suas desvairadas garras de calunia e de violencia... A morte de João do Rio foi, na frase admiravel de Malheiro Dias, como que o holocausto supremo em que o nobre brasileiro ofereceu a vida para que os brasileiros revissem, na manifestação empolgante da gratidão portuguesa no funeral apoteótico, «as origens morais do seu caracter e a vera matriz dos seus sentimentos». E foi ainda o ultimo, mas definitivo e imortal triunfo que João do Rio obteve sobre os seus e nossos inimigos: — os nativistas do comandante Vilar e do desopilante «Gil-Blas».

Triunfo definitivo, na verdade, e que o manifesto da «Liga Nacionalista de S. Paulo» logo confirmava, e que as palavras do estadista eminente e grande amigo de Portugal, que é o sr. Nilo Peçanha, pouco depois asseguravam. O manifesto da «Liga Nacionalista de S. Paulo», importantissimo pelas afirmações que faz e pelos nomes das personalidades que o subscrevem, e tambem por ter partido de S. Paulo — «Estado orientador da consciencia brasileira», como no Brasil lhe chamam — já a imprensa portuguesa o transcreveu. Mas o acolhimento que teve por parte dos jornais brasileiros é sintomático de como e quanto a sua doutrina exprime uma aspiração nacional.

Eis o que a seu respeito escreve «O Jornal do Comercio de S. Paulo» — edição paulista do «Jornal do Comercio» do Rio de Janeiro — e um dos mais lidos, mais autorizados e mais espalhados quotidianos do paiz fraterno:

Nilo Peçanha

«O manifesto da Liga Nacionalista á mocidade brasileira, ontem publicado pelos jornais de S. Paulo, produziu a mais confortadora impressão no espirito de todos os bons patriotas. Demos-lhe agasalho em nossas colunas, scientes de que ele representava o verdadeiro pensamento nacional em face do movimento que se pretendeu levar a cabo no Rio contra a colonia portuguesa; e hoje, mais do que ontem, estamos convencidos de que, com isso, prestamos um bom serviço á causa publica.

«O movimento esboçado na capital da Republica, depois da famosa questão dos poveiros, era uma infamia (Não encontramos outro termo que melhor exprima todo o seu absurdo, toda a sua injustica). E uma infamia tanto maior, tanto mais clamorosa, quanto se procurava disfarçar sob a capa de uma agitação patriotica.

A Liga Nacionalista definiu perfeitamente a significação vergonhosa desse movimento. Ele não podia, não póde, por fórma alguma inspirar-se no verdadeiro patriotismo. Devia ter algum intuito oculto, cavilloso. O verdadeiro patriotismo, que se confunde com o nacionalismo, não pode confundir-se com o jacobinismo estreito, hostil aos estrangeiros que colaboram comnosco para o desenvolvimento do pais. E' mais elevado, é mais altruista e, por isso me mo, muito mais racional. Compreende as necessidades de um pais novo. Compreende a indispensabilidade da colaboração dos outros povos na sua formação. Compreende, portanto, o respeito devido aos elementos que eles podem fornecer para essa obra grandiosa.

E, compreendendo tudo isso tem de ser, naturalmente, tolerante e generoso. Mais t lerante, ainda, que generoso porque, se a generosidade é, de comum dificil entre as nações pelo natural egoismo das raças, com a tolerancia já não se dá o mesmo, porque ela deve existir, quando mais não seja, por conveniencia. Está, com efeito, no nosso maior interesse, viver bem com as colonias de todos os povos com que temos relações—colonias, que de resto, constituem, com a sua actividade, com o seu esforço, com o seu trabalho incessante, uma inestimavel força pro ulsora do nosso progresso.

O bom, o perf ito, o autenti o nacionalismo tem de vêr e examin r todas estas cousas. Precisa fundar-se em idéas amplas despresando as sugestões acanhadas de um nativismo ronceiramente estupido. Não deve, não póde ter odios. Não deve, não póde acalentar pensamentos de vingança. Não deve, não póde ter a pretenção de prescindir do auxilio que resulta dos principios gerais da solidariedade humana.

Em relação aos portuguezes, sobretudo, que andavam sofrendo uma campanha no Rio, por parte de meia duzia de desvairados, não sabemos se por um ridiculo proposito de adquirir notoriedade a todo o transe, ou se por interesses menos confessaveis; em relação aos portugueses, sobretudo, precisamos ter sempre, nós brasileiros, considerações especialissimas. Hostilizal-os porquê? Não se póde admitir a idéa de que um filho do Brazil deseje levantar-se contra um filho de Portugal. Gente consciente, pelo menos, jamais o faria. Portugal é a nossa mãe patria. Portugal deu-nos a existencia. Portugal creou em nós uma nova raça na America. O velho espirito português, que forte, veemente, aventureiro, fez o assombro do mundo na época dos descobrimentos, levando a civilização ás partes mais remotas, resurge em nós remoçado, sempre valoroso e grande. E se a este resurgimento milagroso, se ás qualidades magnificas do lusitano em nós acrisoladas devemos a constituição da nossa nacionalidade — como repelil-o agora? Como?

Seria uma ingratidão e uma monstruosidade. Entre portugueses e brasileiros o unico sentimento que póde, que deve existir — é o sentimento da perene fraternidade. Disse-o a inteligencia clara de Paulo Barreto na sua memoravel campanha de «A Patria», pela aproximação luso-brasileira. Disse-o a sua inteligencia e o seu coração. Entendem-no o coração e a inteligencia de todos os brasileiros de verdade.

O manifesto da Liga Nacionalista de S. Paulo é, a este proposito, concludente. Nunca ninguem falou com mais propriedade, com mais oportunidade, com mais sinceridade.

Leiam-no os moços do Brasil. Leiam-no os moços de Portugal. Leiam-no as colonias estrangeiras que labutam comnosco. O nosso nacionalismo é este. Não é, nunca foi, não póde ser o preconizado pelo desvario de uma grupelho de exploradores e irresponsaveis.»

Esta condenação formal de «jacobinismo», êste louvor fervoroso ás qualidades da raça portuguesa, mostram bem como as «inteligencias responsaveis» do progresso brasileiro são lusofilas. O sr. Nilo Peçanha, candidato á futura Presidencia da Republica Brasileira, traduz numa forma mais concisa e infinitamente justa e pitorescamente impressionante, o mesmo pensamento de simpatia, numa entrevista publicada no «Imparcial», do Rio de Janeiro. A uma pregunta do entrevistador sobre o movimento jacobino, respondeu nestes termos:

«— O Brasil tem cada dia mais viva a idéa de patria; é cada dia mais cioso das suas riquezas, da sua independencia e da execução das suas leis. Mas não pode prescindir do concurso dos estrangeiros. Não compreendo, por exemplo, êsse combate aos portugueses. Combater Portugal, donde proviémos, não lhe parece cuspir para o ar?».

Paulo Barreto, que morreu na defesa e pela defesa da causa luso-brasileira, terá ficado contente com estas palavras nitidas de Nilo Peçanha, de quem era, aliás, um amigo dedicado. Transcrevendo-as aqui — não só queremos consignar o nosso reconhecimento de portugueses ao dr. Nilo Peçanha, como acentuar mais uma vez que o ponto de vista patriotico de João do Rio é, afinal, aquele que têm de adoptar, e na realidade têm adoptado, os espiritos cultos e as consciencias esclarecidas dos politicos ilustres que pretendem governar o Brasil. E entre êles ocupa um dos primeiros lugares o sr. Nilo Peçanha, brasileiro do fundo da alma, lusofilo de inteligencia e de coração...

CARVÃO
CARDIFF das minas
"Insol's Cymmer (Merthyr Smokeless")
Portuguese Corporation of Commerce Ltd. } Lisboa—Cais do Sodré, 64, 2.º Telefs. C. 5092-50.3.5094 Londres—56 Ludgate Hill

OBESIDADE
Tratamento pelos agentes fisicos
ESTORIL — TERMAS

SOMBRINHAS DE FANTASIA LEQUES 76 BENGALAS DE MALACA VENTARIAS
RUA NOVA DO ALMADA

NEURASTENIA
Hidroterapia — Electroterapia
ESTORIL — TERMAS

FONSECAS, SANTOS & VIANNA
BANQUEIROS
ESTABELECIDOS EM 1861
Rua do Comercio, 116 a 132
Telegramas: SANVISE-LISBOA

GOTA
Tratamento hidro-mineral — Lamas radio-activas — Mecanoterapia
ESTORIL — TERMAS

EXPEDIENTE

Aos nossos presados assinantes rogamos a fineza de nos comunicarem qualquer irregularidade na entrega em Lisboa feita por distribuidores, e qualquer erro que nos endereços aos que são servidos por intermedio do correio a fim de imediatamente providenciarmos.

A ADMINISTRAÇÃO

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

UMA FESTA INTIMA

O "DIARIO DE LISBOA" JANTA NO ESTORIL

Redactores, colaboradores e cooperadores do nosso jornal aproveitam o ensejo para prestar homenagem ao seu director

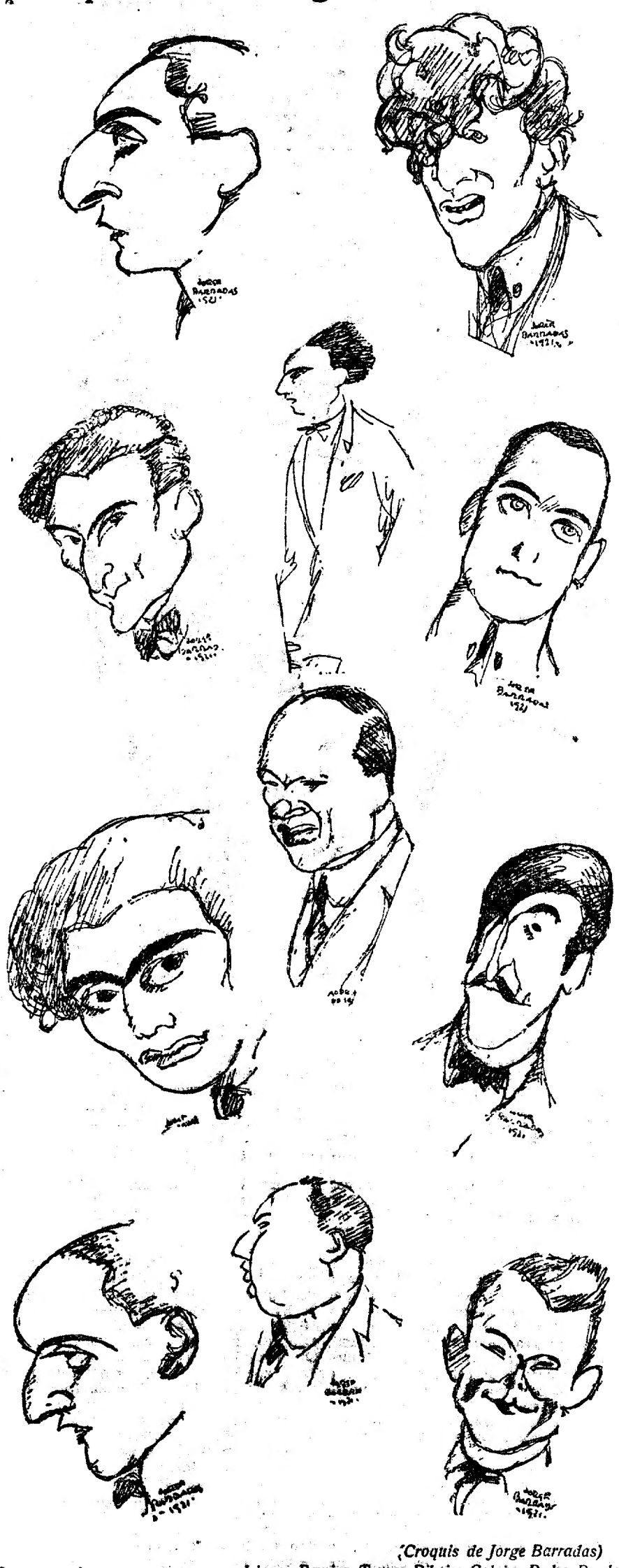
No Estoril — uma linda estancia de verão com reflexos de Côte d'Azur — á hora do jantar, uma hora discreta, sossegada, em que os hospedes do Miramar já tinham favorecido com a sua ausencia uma duzia de jornalistas que foram de Lisboa para viver uma hora alegre da vida — uma hora de intimidade, com dois quartos de hora de confidencias. Não se fizeram convites especiais. Nós é que nos tinhamos convidado uns aos outros. A' volta duma mesa reuniram-se, em alegre companhia, — oh! a alegria do jantar! — com o seu director, os redactores e colaboradores do «Diario de Lisboa», um jornal incomparavel, — como diz o dr. Manso — isto é, um jornal que não se pode comparar com nenhum outro. Tambem se fizeram representar a tipografia e a revisão — duas colunas do nosso edificio que contribuem grandemente para o equilibrio do «chalet».

Mas foi um banquete? E a que pretexto? Não, foi um jantar. Há sempre pretexto para um jantar. O «Diario de Lisboa» — que somos todos nós — quiz significar ao dr. Joaquim Manso, o nosso querido director, a alta consideração que tem pelas suas brilhantes qualidades de director e pelas suas inapreciaveis qualidades de camarada. E foi assim que nos reunimos todos no Estoril, numa festa intima, que teve um cunho muito simpatico, e que deixou a todos nós gratissimas recordações.

O jantar — como todos os jantares de gala — decorreu animadamente, desde a primeira colher de sopa á ultima sobremesa. Em volta do dr. Joaquim Manso, — o artigo de fundo — tomaram lugar os redactores do «Diario de Lisboa»: o Antonio Ferro, entrelinhado, a fazer «pendant» com o Alvaro de Andrade; em frente, o Norberto de Araujo, a duas colunas, com o Artur Portela e o Norberto Lopes — duas entrevistas de sensação — a completar a página; o Sarmento Duque dispersou-se em ecos. Nos outros lugares, indistintamente, o Antonio Carneiro e o Tomaz Ribeiro Colaço — em corpo seis itálico; o Almada Negreiros e o Jorge Barradas — duas zincogravuras com duas legendas graciosas; o dr. Rodrigues Pereira, «un grand nez», só por si enchia duas páginas; o Agostinho Paulo tomou lugar debaixo da arcada do nariz do dr. Rodrigues Pereira; lá no alto ficaram o dr. Ruy de Veras, um amigo da casa; o dr. Gomes Mota, ex-futuro deputado presidencialista; o Miguel Martins, o Monteiro e o Eduardo, um a compor, outro a rever e outro a paginar. Assistiram tambem ao jantar os nossos queridos amigos Alfredo Vieira Pinto e Pedro Bordalo Pinheiro. Por motivo de doença ou por qualquer motivo — há sempre uma razão aceitavel para não assistir — tivemos que lamentar a ausencia do dr. João de Barros e de Aquilino Ribeiro — dois colaboradores ilustres — e dos nossos colegas de redacção Vasconcelos e Sá, que por êsse motivo não pôde dar uma nota completa da assistencia, do que pede desculpa ás melhores familias da nossa primeira sociedade — José Pereira e Costa Rosa.

Ao «toast», naturalmente, fizeram-se brindes. Brindou primeiro o Artur Portela, — por ser o mais novo da redacção — em nome de todos nós, pelas qualidades inapreciaveis do dr. Joaquim Manso e pelas prosperidades do «Diario de Lisboa», que todos nós vimos nascer e que, como bom filho, é merecedor do nosso carinho e de toda a simpatia que em nós possa caber.

O Antonio Ferro levantou-se em seguida — não era preciso levantar-se, porque o Antonio Ferro está sempre em pé — e inscreveu á cabeça do brinde esta palavra: «Wilde». O «Diario de Lisboa» — disse o Antonio Ferro — é a avenida nova do jornalismo, a primeira gazeta que abraçou os novos, que os deixou á vontade dentro das suas colunas estender as azas pela cidade, pela segunda, pela terceira página e até em ultimas noticias. O seu director, tendo a coragem de se pôr á frente de uma obra que é já hoje uma esplendida realidade, é um director ideal, «the right man in the right place». O Antonio Ferro não disse esta frase em inglês, mas disse-a em português. Teve o dr. Joaquim Manso a boa «estrela», como quem diz «la bonne chance», de reunir á sua volta um grupo de rapazes que muito têm contribuido para o êxito do nosso jornal. Vão para o dr. Joaquim Manso as nossas saudações.



(Croquis de Jorge Barradas)

Da esquerda para a direita: *Rodrigues Pereira, Tomaz Ribeiro Colaço, Pedro Bordalo Pinheiro, Almada Negreiros, Alvaro de Andrade, Norberto Lopes, Joaquim Manso, Antonio Carneiro, Artur Portela, Antonio Ferro e Sarmento Duque*

O Antonio Ferro lembrou — e esta idéa foi aceite de braços abertos — que nós mandassemos um telegrama ao Afonso de Bragança, que nos acompanhou desde a primeira hora e emprestou ao «Diario de Lisboa» o brilho da sua pena irreverente, fazendo votos pelo seu pronto restabelecimento.

O dr. Gomes Mota falou em seguida. O dr. Gomes Mota é um amigo, um leitor, um presado leitor. Disse o dr. Gomes Mota — num quarto de hora de brinde — que o «Diario de Lisboa» era a tentativa mais interessante de jornalismo que se tem feito nos ultimos tempos. Ele já não pode passar sem ler o «Diario de Lisboa», porque o «Diario de Lisboa» traz sempre alguma coisa que ler. Presta a sua homenagem sinceriss ima ao dr. Joaquim Manso, o amigo, o colega na advocacia e o sabio director.

Depois o Almada Negreiros. O Almada leu Marinetti e não soube ler Marinetti. O Almada entrou na vida com uma grande sinceridade, uma grande ingenuidade e o Almada viveu sem saber que vivia. O Almada esqueceu-se desta palavra — amigos — e veiu encontrá-la no hotel Miramar. O Almada viveu uma das horas mais felizes da sua vida. O «Diario de Lisboa» é um jornal que nunca lhe cortou uma palavra, senhores!

Agora o Norberto de Araujo. Fala com uma grande sinceridade, tem o coração nas mãos. Um dia entrou na redacção e viu que o director deixava o jornal entregue aos rapazes. Era aquele o verdadeiro director. O dr. Joaquim Manso, que êle se habituou a ler com devoção desde os tempos saudosos da «Poeira da Arcada», é o director que convém ao «Diario de Lisboa». Vai dar uma «caixinha», uma coisa que nunca disse a ninguem, mas que lhe apraz dizer ali: o dr. Joaquim Manso foi o seu mestre, sem êle saber, foi o inspirador das «Miniaturas». O Alvaro de Andrade, que é o seu lugar-tenente, é a pessoa justamente escolhida para desempenhar o cargo de secretário da redacção. Brinda pelo director do «Diario de Lisboa» e brinda por todos os cooperadores do jornal.

O dr. Rodrigues Pereira, o nosso critico de arte, declara que está perfeitamente á vontade dentro do «Diario de Lisboa». Derâm-lhe sempre a máxima liberdade de critica — uma coisa inapreciavel para quem tem que falar dos outros.

Falou ainda o Miguel Martins, em nome do pessoal gráfico — um brinde «tout court», poucas palavras, mas palavras sinceras.

O dr. Joaquim Manso, que nós quizemos ouvir de pé, mas que êle não quiz que nós ouvissemos de pé, vive uma das horas mais embaraçadas da sua vida. Tinha muito que dizer, mas faltam-lhe palavras para dizer tudo. Está sinceramente comovido e agradece a todos as boas palavras que lhe dirigiram. O «Diario de Lisboa» fez-se com a colaboração de pessoas amigas, pessoas que têm uma alma muito nobre e que não hesitaram em dar-lhe todas as facilidades para fazer um jornal. Tem caminhado sempre a direito, com o auxilio devotado dos redactores, da tipografia, da revisão e dos amigos que gentilmente nos têm prestado uma colaboração valiosissima. O «Diario de Lisboa», de que a principio êle foi o primeiro a duvidar, é já hoje uma realidade e será ámanhã uma realidade mais perfeita ainda. O dr. Joaquim Manso tem uma palavra amavel para cada um dos seus colaboradores e brinda por todos, pelos presentes e pelos ausentes.

Entre muitos telegramas que se receberam, há palavras de saudação e de homenagem dos srs. ministro da Justiça, dr. Nuno Simões, — um abraço fraterno — dr. Jorge de Faria, dr. Couto Rosado, dr. Vergilio Correia, dr. João de Barros, Vieira da Rosa, Jorge Santos, Guardiano del-Negro, etc., etc.

O Jorge Barradas croquisou á sua maneira alguns dos convivas, que se retiraram satisfeitissimos e já hoje têm saudades daquela noite do Estoril. Foi no sabado. O Norberto Lopes redigiu a acta.

A CIDADE

CHÁ DAS CINCO

Para ler aos outros

Por ser tão doce, tão suave e linda,
Tua presença, amor, não me bastou.
Foi um resto de tarde que ficou
No meu olhar, a anoitecer ainda...

Agora, para mim, és sempre luar,
Sempre fim de uma tarde, sempre outono...
E's afflitiva noite de abandono
Que vai nascer meio-dia em outro olhar..

Julgaste os meus cuidados pelos teus...?
São outros e tão outros que ninguem
Sentiu o gosto mau que deles vem
Queimar-lhe os labios como queimo os meus!...

A minha dôr é nova, é imprevista,
E, ante um sorriso teu, ouso dizer
Que, se é banal demais para viver,
Para morrer é demasiado artista..

E' uma dor meio termo, é um intermedio
De torturas sem nome e esquecimentos...
Por entre o medo de durar momentos,
Sente a doçura de não ter remedio...

E' como um mundo que por não ter sol
Não deixa, ao menos, de ser bem um mundo
E' tumultuosa como um mar profundo,
Languida e casta como um lago ao sol...

E assim, bem vês que, sendo doce e linda
A tua só presença não bastava
A' estranha dôr que não achou palavra
Que, com justeza, a definisse ainda...

.....

Podes mostrar ao teu peor amigo
As lisongeiras quadras que te fiz,
Mas, por amor, no teu amor feliz,
Lê só, baixinho, o que eu agora digo:

Sem ser em versos faceis, petulantes,
A' indefinivel dôr que assim me invade,
Dou-lhe o cançado nome de «saudade»,
Saudade de te vêr como eras d'antes...

E embora a tua vista me arrefeça,
Pode ás vezes a sombra apetecer-me...
E acabo por pedir que venhas vêr-me,
De vez em quando, quando te apeteça...

Teresa Leitão de Barros

Instrução publica

Os alunos das escolas industriais podem matricular-se nos cursos preparatorios da faculdade tecnica do Porto

Foi para o *Diario do Governo* um decreto permitindo aos alunos diplomados pelos institutos industrias a matricula nos cursos preparatorios da faculdade tecnica do Porto, professados nas faculdades de sciencias das tres Universidades da Republica.

Na igreja da Luz

Foi ministrada a primeira comunhão a trinta crianças

Na igreja da Luz realizou-se ontem uma encantadora festa. Depois da confissão houve a ceremonia da primeira comunhão a perto de trinta crianças, seguida de missa cantada em que foi celebrante o reverendo prior da freguezia, rev. Baptista, que foi acolitado pelos reverendos Bruno e Taveira.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido nos jardins do palacio Carnide, oferecido pelos srs. condes de Carnide, segundo as tradições da casa, um finissimo almoço a todas as crianças que receberam a primeira comunhão e ainda as que foram sacramentadas com as comunhão geral, que formavam um interessante grupo de perto de quarenta.

A' tarde realizou-se com toda a sofenidade o «Te-Deum», com a assistencia do sr. arcebispo de Mitilene.

Foi uma tocante festa, na qual tiveram uma grande e louvavel acção directa as senhoras que formam a catechese e que são as sr.ªs: condessa de Camidé, D. Maria da Conceição Valente Braamcamp de Matos, D. Beatriz de Monte Pereira e D. Maria Izabel O'Connor Shirley, que foram incançaveis na preparação das crianças para o resultado brilhante que teve a tocante ceremonia.

A todos os actos religiosos assistiram os alunos do Seminario de S. Pedro e S. Paulo, que não só acolitaram os arcitistes como entoaram no côro cantos sacros.

A importação de cascas taninosas

Uma comissão de interessados procurou o sr. ministro da agricultura para solicitar que seja lançado um forte imposto sobre a importação de cascas taninosas. O sr. dr. Sousa da Camara prometeu estudar o assunto.

UMA GRANDE OBRA SOCIAL

NACIONALISAÇÃO DA TERRA
NO CULTO DAS TRADIÇÕES ANTIGAS

O que diz ao "Diario de Lisboa" a ilustre escritora sr.ª D. Maria Madalena Martel Patricio

A "Associação de Santa Joana Princesa"

Num cantinho da sala confortavel, na meia luz suave que nos repousa da claridade excessiva do sol amoravel da nossa terra, conversamos tranquilamente. Cercam-nos livros e faianças portuguesas, colchas de linho branco com exoticos bordados orientais, que mão paciente executou, e estatuetas que essa mão fina de artista se entretem a modelar nas horas vagas.

Maria Magdalena ouve com atenção e responde com boa vontade. Todos nós sabemos como a sua inteligencia se aplica ao Bem, e o grande desejo revelado nos seus livros de acordar as velhas tradições, de espalhar o amor a Portugal, integrando-se no sentimento da terra e da raça, — sentimento que anda para aí muito esquecido e abafado, apesar de ter fundas raizes na arvore secular a cuja sombra Portugal foi grande.

Falamos da obra que neste momento a interessa e preocupa e pedimos-lhe que nos explique do que se trata.

— Luiza Almedina, que a morte tão cedo nos roubou, diz-nos Maria Magdalena, deixou-me como benefica herança o desejo de bem servir a Liga da Acção Social Cristã, para que ela tanto trabalhava. A pedido, pois, da Liga, Maria José Zarco da Camara e eu submetemos o projecto de uma grande obra social a esclarecida inteligencia do sr. dr. Anaquim, que o aprovou plenamente, comunicando-a ao sr. cardeal patriarca, que se dignou patrocinà-lo. Foi organizada uma direcção, que ficou constituida com os nomes das seguintes senhoras: marquesas de Castelo Melhor, de Unhão, de Lavradio e de Fontes Pereira de Melo; condessas de Porto Covo, de Ficalho, de Sabugosa e de Nova Goa; D. Maria José Zarco da Camara Viterbo, D. Tereza de Vilhena, D. Sofia Melo Breyner, D. Joaquina Saldanha da Gama, D. Isabel de Sousa Holstein Brandão de Melo, D. Maria José de Aguilar de Vilhena, D. Ana Paula de Mousinho Gaivão, D. Luiza Aboim Amado, D. Honorina de Morais Graça, D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Catarina de Sousa Coutinho, D. Maria Magdalena Valdez Trigueiros de Martel Patricio. Secretárias: D. Luiza da Camara, D. Mariana Gorjão, D. Maria de Carvalho e D. Maria Bernardina Velez.

— Mas qual é o fim determinado e prático a que essa associação procura chegar?

— Esta associação, constituida exclusivamente por mulheres portuguesas, terá como fim a nacionalização de Portugal, no culto das tradições antigas e da Fé, na palavra salutar para o povo e para a mocidade, na protecção ás escolas católicas, de que há de vir a fôrça e á regeneração da nossa terra. E' á mulher e ao clero que compete formar a alma das gerações futuras, incutindo nas crianças um grande amor por Portugal, pela religião e pelas tradições. E' á mulher portuguesa que cabe, em parte, a responsabilidade na desgraça da nossa terra, porque foi ela que a ajudou a desnacionalizar-se, adorando tudo o que fosse estrangeiro e renegando tudo o que fosse português. Abandonou o campo pela cidade, fechou os solares, e o povo das aldeias, sem a direcção inteligente de quem lhe educava os filhos e lhe valia nas suas maguas, emigrou e perverteu-se. E' preciso que a mulher portuguesa tome para si, como um dever, o trabalho abençoado da regeneração de Portugal. Que os nossos lares voltem a ser os lares antigos, onde junto da lareira as senhoras trabalhavam, ajudadas pelas suas criadas. Que os nossos serviçais nos mereçam o apreço de serem tratados como familia, como eram dantes, quando respeitavam os seus amos, que os amparavam e protegiam pela vida fora. Que os nossos filhos não oiçam no primeiro balbuciar das suas primeiras palavras outra lingua que não seja a nossa, e que a sua principal educadora seja a mãe. E Portugal, em breve, pela mão leal e pura, fina ou grosseira, da mulher portuguesa, será conduzido para o caminho da felicidade.

— E que nome terá essa associação?

— Associação de Santa Joana Princeza.

— E quais são as suas bases práticas?

— Proteger o ensino, auxiliando as escolas já existentes e creando outras onde não as haja. Fundar escolas industriais para rapazes e raparigas pobres, em que se faça reviver as antigas industrias portuguesas. Habilitar raparigas para serviçais e mestras de creanças, cortando assim a influencia das linguas e dos habitos estrangeiros nos periodos da infancia. Divulgar o gôsto pelos produtos portugueses, desenvolver o espirito nacionalista pelo conhecimento da historia e pelo culto da tradição, de modo a contribuir para o levantamento moral e material da nossa raça.

— E donde provêem os recursos monetarios da associação?

— Das quotas mensais das associadas, que serão, no minimo, duzentos réis. De quaisquer legados ou donativos feitos á associação. Do produto da venda dos objectos trazidos a uma exposição anual da associação, para a qual cada associada terá obrigação de mandar um objecto feito por sua mão. Cada associada deverá fazer a propaganda da associação arranjando para socias o maior numero possivel de senhoras e mulheres do povo, que pelos seus sentimentos sejam dignas disso. A associação pertence a todos que a quizerem ajudar e servir, havendo para todos a absoluta igualdade em direitos e deveres. Em todas as cidades e vilas de provincia teremos delegações da Associação de Santa Joana Princeza, com os mesmos encargos e atribuições.

— E na provincia já contam com bastantes adesões?

— Sim, contamos obtê-las muito numerosas, por intermedio das seguintes senhoras: em Leiria, D. Berta Leitão Rito e D. Maria Benedicta Oriol Pena; no Porto, D. Maria Melo Breyner Andresen e D. Leopoldina Konke Pimentel; em Vila do Conde, D. Leopoldina Magalhães de Sousa e Faro; em Torres Vedras, D. Maria Castelo Branco Abrantes; em Torres Novas, D. Mariana Guedes Cabral de Campos; na Guarda, D. Clemencia Patricio Santos Tavares; em Sande, D. Sara Ferreira Marques; em Vila Real, D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso; em Coimbra, condessa do Ameal; em Pombal, D. Maria da Piedade Pessoa; em Alcains, condessa da Idanha-a-Nova; no Luso, condessa de Proença-a-Velha e D. Romana Ferrão; em Anadia, D. Laura Cancela Infante de Lacerda; em Parada de Gonta, D. Branca de Gonta Colaço; em Sintra, D. Maria Emilia Brandão Palha e D. Eugenia Machado Ferreira; em Cascais, D. Francisca Palma Valdez; na Regua, D. Maria Tereza Valdez Pinto da Cunha; em Mangualde, condessa de Estarreja; em Beja, D. Eugenia de Vilhena Gomes Palma; em Portalegre, D. Margarida Corsino Caldeira; em Viana, D. Conceição Pereira da Cunha de Almeida Cayola.

A tarde ia avançada. No ambiente sugestivo que nos envolvia, continuámos a conversar, mas nada mais apontámos dessa conversação porque o principal estava dito.

O NOSSO INQUERITO

VAI HAVER
Touros de morte?

O sr. Severo Portela dá-nos a sua opinião como artista

O sr. Severo Portela, filho, distinto escultor, a quem convidámos a depor no nosso inquerito sobre touros de morte, enviou-nos as impressões que se segue e que gostosamente damos á estampa:

«Na hora em que a petição de meia duzia de «ganaderos» quer aportuguesar a morte do touro como sequencia logica da arte de trasteio, é que surde da sentimentalidade piegas e madamisada o protesto incoherente de duas duzias e picos de chefes de familia, clamando piedade p'rós animaisinhos do Senhor. E o portuguesinho valente do sol e sombra, que aplaude as «faenas» dos matadores visinhos que em passes de esbelteza classica, esquissam com o capote e espada a sorte de morte, roçando com a adaga de pau na cervio do bicho, não vibram a este simulacro incompleto da formula consagrada nos redondeis de «verdad» faltando-lhe o Instante unico, Instante magico, em que a mole colossal do cornupeto abate fulminada, aos pés do «diestro». E' barbaro, é selvagem, bradam agora que o desporto das revoluções se embutiu nos habitos rotineiros das nossas gentes e corre parelha com o vicio do jogo, e o deprimente combate do murro em que dois homens se esfacelam até á fratura e entorse dos membros—e ás vezes até á morte—com o assentimento e incitação até dos mesmos benemeritos chefes de familia, que repudiam a morte do touro, e fazem apostas pelos esmurrados e esmurradores. Mas se a «Liga dos Direitos do Homem» é, como o seu titulo faz supôr, uma congenere da «Sociedade Protectora dos Animais», eu daqui recomendo á piedade do sr. Carneiro de Moura esses jovens pugilistas que se esmurram e maltratam publicamente em plena capital, sob os olhares complacentes da policia.

Moral ambigua, duvidosa até, mormente no que diz respeito á logica dos nossos burguesinhos redondos que se horrorisam ante o estertor do touro, e emprasam sucessivas conspiratas e sublevações na arena da Rotunda.

Mas na verdade, razão poderosa de sobejo, ha-de presidir á resolução dessas duas duzias de protestantes, que ora e sempre, teem entravado se introduza entre nós, o epilogo dêsse drama de vida e de força, que é a luta entre o homem e a fera, o homem no uso da sua destreza, e o bruto na posse da sua força indomavel. E que atitudes, que ritmos, que conjuntos harmoniosos, nos não oferece a nós, cultores da Forma, a lide taurina desde o pousar elegante de um par de ferros curtos, até á energica pega de cara nacional, reeditação do quadro masculo e sublime do barbaro «Ursus» subjugando a braveza do auroque que levava o corpo de Lygia, com a bravura da sua audacia imorredoura. Mas, ex.mos e ponderados cavalheiros e madamas, porque vos repugna tanto a morte do bicho ás mãos de qualquer artista como Gallito ou Bombita que aí surda em tarde de sol e moscas, resplandecente de lantejoulas e vidrilhos, rendendo feras em soberbos «passes» de muleta e capote, se vós tendes aí, essa imolação anonima das rezes dada pela choupa sinistra dos magarefes, nos recantos escuros dos matadouros!? Não prescindis da morte do boi, mas não a quereis á luz do sol com receio que algum remorso vos rôa a consciencia sinha. Mas, atentai bem: entre a morte do touro num «redondel» e num matadouro, e vereis que ha apenas mudança de local, com a diferença de uma ser dada com estetica e galhardia, servir em redor uma mesclada tragedia de força e virilidade de audacia e tesura, que nos repugna conceber, e a outra servir exclusivamente ás vossas necessidades digestivas. Meditai e abandonai um pouco essa piedade tão comprometedora pela rez bravia...

Severo Portela, filho

A CIDADE

UMA TERCEIRA EDIÇÃO

"NAMORADOS" de Virginia Vitorino

"Namorados" ou um livro de que o publico se enamorou

Vai já na terceira edição o livro de Virginia Vitorino—*Namorados*. Relemo-lo ha pouco, numa meia hora de encanto. Cada soneto é um acto de fé na sua vocação de poetiza que sabe revelar-se, sem contrafazer-se. Ha neles uma nobre elegancia, á maneira classica—o geito senhoral de quem se confessa, pondo nas confidencias tanto da sua alma que o leitor julga percebe-la toda, humilhada no contar-se, orgulhosa na dor de ser sem par.

E' uma ilusão: Virginia Vitorino persiste enigmatica como o seu sonho que parece diminuir-se, para se fingir cristão, profundamente resignado, quasi vencido.

Outra ilusão: Virginia Vitorino tem a sua revolta que se adivinha, sobretudo, quando, num movimento de belesa que o marmore sagraria, diz que o seu amor vive forte e invencivel, na amargura de não ser compreendido.

E esta é a sua derradeira ilusão: Virginia Vitorino, assumindo, perante o enigma do seu coração, desejoso de liberar-se, uma atitude estoica, soberana, de mulher que quere erguer-se superior ao seu destino, afirma, sobretudo, a necessidade de ser humana, aceitando da vida as rosas e os espinhos, as revoltas e as sujeições.

O seu livro de sonetos ficará, pois, como a sua verdade, a sua unica verdade. Possue todas as contradições dum temperamento que a arte guia e ampara nas varias *étapes* duma romagem sentimental.

Só a sua inspiração permanece serena, clara e inacessivel a mudanças.

Os seus versos nasceram sem uma duvida, uma hesitação e, o que é mais, sem qualquer macula. Chega a gente a não atinar como é que Virginia Vitorino aprendeu tão silenciosamente a sua arte.

A' musica deve ela, com certeza, bastante do seu ritmo poetico, umas determinadas pausas em que a harmonia da palavra se suspende para ser continuada pelo indefinido, o vago das evocações.

Mas as imagens que lhe sugere a sua fantasia, essas têm contornos, gestos de escultura. A paisagem não a seduz, as coisas quasi não existem para ela.

Os seus sonetos denotam vida interior, misterio que se exala em notas graves, uma alta seriedade de quem acredita na importancia duma só história—a da sua sensibilidade.

Admite dois personagens e não mais: a poetisa e a sombra ou luz do seu amor.

Não é impunemente que o livro se intitula—*Namorados*. Quem namora, escolhe, fixa-se num só rosto e nele estuda as leis da sua propria felicidade ou da sua perdição.

Os sabios buscam os segredos do universo. Os apaixonados os dos seus corações. Aqueles correm o perigo do erro, estes o do engano. Geralmente os erros corrigem-se; outro tanto não acontece com os enganos, porque quem se engana nos seus sentimentos de amor compromete para sempre o preço e o sabor da sua existencia.

Resta-lhe sómente a vaidade dificil de não renegar-se, em face do seu proprio infortunio. Leia-se este soneto de tão feliz composição:

Sou a mesma, bem sabes. Não mudei.
Tu és ainda toda a minha crença.
O teu amor em nada me compensa;
mas eu sou escrava e o meu amor é rei.

Sinto bem essa dura indiferença,
com que me vês, mas não me queixarei.
O Amor, para ser grande, não tem lei,
e ás vezes em si mesmo se condensa.

Quem sabe lá porque eu assim te quiz?
Tambem na dôr se pode ser feliz.
O teu desdem já não me mortifica...

Sou para ti o que têm sido tantas.
O meu amor é como certas plantas:
pisam-lhe a flôr, mas a raiz lá fica.

Não ha aqui um grande orgulho que se ignora, uma submissão que se exalta?

Glaucias.

NO DIA DA ABERTURA DAS NOVAS CAMARAS

UMA LEVE ESTATISTICA DA VIDA PARLAMENTAR PORTUGUESA

Quatro parlamentos que não duraram os quatro anos que preceitua a Constituição

Chegará este ao fim dos seus trabalhos?

Damos hoje aos leitores, tanto quanto é possivel, uma breve e justa resenha da vida parlamentar portuguesa desde as Constituintes da Republica.

As primeiras eleições realizaram-se em 28 de Maio de 1911, sendo os trabalhos parlamentares inaugurados em 19 de Julho do mesmo ano. Em 1913 faziam-se em Lisboa eleições suplementares, ficando o Parlamento assim constituido: democraticos, 83; evolucionistas, 31; independente, 1; socialista, 1 — o sr. Manuel José da Silva. Pela Constituição da Republica, o Parlamento deve funcionar durante quatro anos, porêm ainda nenhum conseguiu trabalhar durante todo êsse tempo. Em 1915 subia ao poder o general Pimenta de Castro, que, pouco depois, fechava o Parlamento. Houve a Mitra. Depois, o catorze de Maio e novas eleições que se realizaram em 13 de Junho de 1915, apresentando-se o governo, que era então presidido pelo sr. dr. José de Castro, ao Parlamento em 25 do mesmo mês e ano. Os democraticos obtiveram uma vitória estrondosa. A Camara dos Deputados compunha-se de 103 democraticos, 22 evolucionistas, 6 unionistas e 2 socialistas. Mas êste Parlamento estava destinado a seguir a mesma sorte dos outros... Surge o 5 de Dezembro e com êle Sidonio Pais. Novas eleições se realizam em 28 de Abril de 1918. Sidonio Pais apresenta-se ás Camaras em 22 de Julho do mesmo ano, inaugurando-se assim os trabalhos parlamentares. Na Camara só têm representação os monarquicos e sidonistas. Aqueles em numero 39, salvo êrro, estes, tambem salvo êrro, em numero de 107.

Esta Camara, como as anteriores, não chegou a completar os seus trabalhos.

Em Janeiro de 1919 a revolução monarquica de Monsanto determina a queda do gabinete Tamagnini Barbosa. Assume o poder José Relvas; depois Domingos Pereira, que realiza as eleições gerais em todo o paiz no dia 11 de Maio de 1919. A elas concorreram todos os partidos da Republica, tendo os socialistas pela primeira vez, em S. Bento, uma representação relativamente numerosa.

O Parlamento é inaugurado em 3 de Junho de 1919. Dos três velhos partidos da Republica scindem-se um, aglomeram-se outros. Aparecem então na vida politica os reconstituintes com o sr. dr. Alvaro de Castro, os populares com o sr. dr. Julio Martins e os liberais com o sr. dr. Antonio Granjo.

Foi êste Parlamento que há meses, como está na memoria de todos, que o sr. dr. Antonio José de Almeida dissolveu, após uma sedição militar. Como os outros, êste não concluiu os seus trabalhos.

Recolheu-lhe a herança o actual Parlamento, que se reuniu hoje pela primeira vez.

E' assim constituido: governamentais, 76; democraticos, 52; reconstituintes, 11; independentes, 3; católicos, 3; dissidentes, 3; regionalistas, 2, e monarquicos, 2.

Todo êste leve apanhado, onde, certamente, haverá algumas inexactidões, conduz-nos a uma pregunta:

— Durará êste Parlamento os quatro anos que preceitua a Constituição da Republica?

Além-mar

Uma determinação sobre a forma de vestir dos "monhés" e dos pretos em Moçambique

Foi determinado que em todas as cidades da provincia de Moçambique ou outras localidades importantes, que os asiaticos e os indigenas de ambos os sexos se apresentem em publico, sem que tragam o tronco coberto com qualquer peça de vestuario, bem como as pernas pelo menos até ao joelho.

A reparação de estradas na provincia de Moçambique

O alto comissario de Moçambique, mandou que seja dado o maior incremento aos trabalhos para a construção e reparações de estradas naquela provincia, que muito contribuirá para o seu desenvolvimento.

Novos directores da biblioteca e laboratorio de Lourenço Marques

Foram nomeados directores da biblioteca e dos laboratorios e gabinetes do liceu de Lourenço Marques, respectivamente, os srs. Marques Pereira e Madureira de Carvalho.

Em Macau

Foi nomeado secretario do Tribunal Administrativo, fiscal e de contas da provincia de Macau, o sr. Romualdo Pereira.

Foi nomeado para as obras publicas de Macau, o engenheiro civil sr. José Bentes Castelo Branco.

MÁ-LINGUA

«Quando as nascentes despertam—Livro da Turbação e da Boa Estrela» (sic)

por ANTONIO SARDINHA

Um vasto calhamaço aborrecido;
rimas sem côr numa edição simpatica;
versos, de uma alma insipida e lunatica,
que a gente se arrepende de ter lido.

«O perfume de um vaso já partido»;
muita chochice; muita coisa enfatica;
uma que outra rasteira na gramatica;
alguma que outra frase sem sentido.

E o que é que quer dizer tamanho titulo?!
Temos de confessar, nesse capitulo,
que as nascentes por lá não aparecem.

A não ser...—esta duvida atormenta!—
que *despertem* a paginas quarenta
na altura em que os leitores adormecem...

TAÇO

O pão

Chegam a Lisboa 11.000 toneladas de trigo exotico

Chegaram ontem a Lisboa dois carregamentos de trigo exotico, na totalidade de cêrca de 11.000 toneladas.

Notas Mundanas

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as sr.as:

Condessa de Alpendurada, viscondessa de Idanha, D. Henriqueta Coelho de Campos Otolini, D. Maria Manuela de Carvalho Rica.

E os srs.:

Conde das Alcaçovas, dr. José Forjaz de Sampaio, Manuel de Melo (Cartaxo), Joaquim Maria Osorio, Manuel Maria Santos Leitão e Diogo Paim de Bruges.

Veraneios elegantes

No Mont'Estoril

A'manhã á noite realiza-se no Grande Casino Internacional desta praia o anunciado baile em honra dos oficiais de marinha da esquadra americana fundeada no Tejo, organizado por uma comissão, o qual está despertando no meio mundano um grande entusiasmo.

Para que o baile revista maior brilhantismo um grande numero de senhoras apresentar-se-hão vestidas á moda do Minho, um dos trajos mais caracteristicos do nosso país e os rapazes á saloia.

O sr. João Bregaro, secretario da comissão, tem sido incansavel na organização da festa que pelo grande numero de bilhetes requisitados deverá ser concorridissima, oferecendo a elegante sala de baile, bem como os terrassos, aspectos verdadeiramente encantadores, pensa conseguir que a Empreza Estoril ponha um comboio que parta de Cascais ás 3 horas da madrugada, a fim de que as pessoas que vão de Lisboa e das outras praias da linha de Cascais possam regressar depois do baile.

A entrada é, como dissemos, de 2$500 réis

Nascimentos

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria Georgina de Melo Portugal da Silveira, esposa do sr. Alberto Portugal da Silveira. Mãe e filho encontram-se, felizmente, bem.

Baptisados

Na igreja da Ameixoeira realizou-se o baptisado de uma filhinha dos srs. condes de Casal Ribeiro, da qual serviram de madrinha sua tia a sr.ª D. Maria da Conceição do Casal Ribeiro Ulrich e de padrinho seu tio o sr. Carlos Iglesias Viana. A gentil criança recebeu o nome de Maria.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa elite dá «rendez-vous» ámanhã de tarde na matinée do Cinema Condes e á noite na recita da moda do teatro de S. Luiz, onde se representa a linda opereta «Mulher artificial» e na «soirée» elegante do Chiado Terrasse.

Em viagem

Partiu hoje no rapido para o Porto o nosso amigo sr. Antonio Vieira Pinto, de onde deve regressar depois de ámanhã.

—Parte ámanhã para a sua viagem a França, Austria, Turquia e Romania, onde pensa demorar-se um mez, o sr. marquez da Belas.

—A' sua quinta da Portela, em Coimbra, regressou a Guimarães a sr.ª marquesa de Pomares.

—Seguiu hoje para o Porto, o sr. Carlos Luz Laidley.

—Com sua esposa a sr.ª D. Dayse Maria Pinto de Morais Sarmento Cohen de Betencourt e sua gentil filhinha, parte dentre de alguns dias para Cascais, o sr. Diogo de Vasconcelos Correia Betencourt.

—Para o Bussaco parte no dia 1 de agosto, o sr. Herman de Mozer.

—Está já em Cascais, com sua esposa a sr.ª D. Maria Cohen de Espirito Santo Silva, e sua gentil filhinha, o sr. Ricardo do Espirito Santo Silva.

—Acompanhado de sua esposa a sr.ª D. Tereza de Melo e Castro de Verda (Mairos), parte brevemente para Cascais o sr. D. José Burnay y Verda (Mairos).

—Partiu para o norte no rapido de hoje, o sr. Carlos Santos Silva.

—Partiram hoje a bôrdo do «Gelria» para Londres, Paris e Vichy, as sr.as D. Natalia Reis Torgal, D. Julia de Araujo e o sr. dr. Eugenio de Araujo.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Maria Luiza de Saldanha da Gama Alcobia, partiu hoje no rapido, para a praia da Granja, o sr. Carlos Alcobia.

—Regressou no rapido de hoje á Figueira da Foz o sr. dr. Antonio Sotero.

—Partem brevemente para a sua casa em Cascais os srs. condes das Galveas.

—Com sua esposa, a sr.ª D. Fanny Davidson Perestrelo de Vasconcelos e sua gentil filha D. Victoria, parte ámanhã para Cascais, o sr. Eduardo Perestrelo de Vasconcelos. Seu filho Frederico só parte para ali na quinta-feira.

—Acompanhado de sua esposa, a sr.ª D. Maria da Conceição Pinto de Morais Sarmento Cohen, de suas gentis filhas, D. Vera e D. Maud e de sua prima, a sr.ª D. Carolina de Vasconcelos e Sá, parte na quinta-feira para Cascais o sr. Benjamin Cohen.

—No rapido de hoje partiu para o norte o sr. dr. Cunha e Costa.

—No mesmo comboio partiu com sua esposa, a sr.ª D. Maria Clara de Saldanha da Gama Alcobia Cirne e sua gentil filhinha, o sr. José de Mendoça Cirne.

—No dia 1 de agosto parte com sua esposa, a sr.ª D. Maria Antonia de Tedeschi Placido e suas gentis filhas, D. Maria Alice e D. Maria da Conceição, para o Bussaco, o sr. Eduardo Placido.

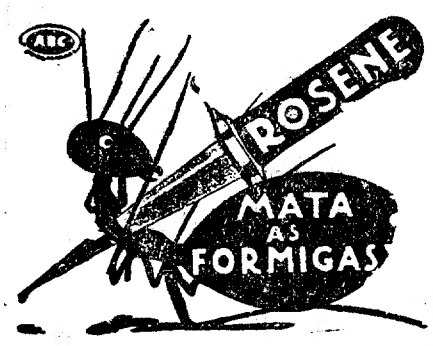
Casamentos

Realizou-se hoje, na elegante residencia do noivo, á rua de Santana, á Lapa, o casamento da sr.ª D. Vera de Vasconcelos Betencourt, com o nosso colega na imprensa, director de «A Vitoria», sr. Carlos Olavo, secretario geral do Governo Civil de Lisboa e deputado da nação. Serviram de madrinha da noiva sua mãe, a sr.ª D. Elvira de Vasconcelos Betencourt e de padrinhos, por parte da noiva, o sr. dr. Antonio Betencourt Rodrigues, antigo ministro de Portugal em Paris, e por parte do noivo os srs. José Maria Alvares e Harry Hinton.

Findo o acto foi servido na elegante sala de jantar um primoroso «lunch», seguindo os noivos esta noite para o Bom Jesus do Monte, onde vão passar a lua de mel.

GARANTIA

Companhia de Seguros
Fundada em 1853 — Sede no PORTO
(Edificio proprio)
Sinistros pagos até 31 de Maio de 1921
Esc. 7.973.798$76,3
Capital — MIL CONTOS
(Inteiramente realizado)
EFECTUA SEGUROS:
Terrestres,
Agricolas,
Industriais,
de automoveis,
Trespasses,
Maritimos e de minas
— Seguros de vida —
AGENTES:
José Henriques Totta, Ld.ª
Banqueiros
Lisboa — Telef. 533 e 1589-C



Deposito — MARINHO E AMARAL
R. do Jardim do Regedor, 23
LISBOA

PROVINCIAS

Na Povoa do Varzim

Um peditorio em favor da "Beneficente"

Povoa do Varzim, 23

Ha dias, as senhoras da nossa sociedade, auxiliadas por um grupo de rapazes, realizou por toda a vila e por diferentes freguesias do concelho um grande peditorio em favor da prestante casa de caridade daqui «A Benificente», que está a distribuir a mais de 400 indigentes, duas refeições diarias de pão e caldo, conseguindo obter grande porção de generos e mais de 2.000$00.

A direcção desta utilissima casa dos pobres compõe-se dos srs. tenente da armada Francisco Penteado, Manuel Gonçalves da Silva, Francisco dos Santos Graça, Manuel João Amorim Alves, Manuel Afonso Esteves, Avelino Barros e Joaquim Gomes Moreira.

Epoca balnear

E' já bastante animada a nossa praia, havendo festas interessantes na Assembleia Povoense, espectaculos cinematograficos e recitas no Teatro Garret, desafios de «foot-ball» no campo de jogos, solenidades religiosas, etc.

O tempo está lindissimo e os cafés já se encontram quasi todos abertos, chegando todos os dias muitas familias, para aqui passarem a estação calmosa e continuando a ser cada vez maior o pedido de casas para os meses de Agosto, Setembro e Outubro.

O apuramento eleitoral

No apuramento eleitoral foram proclamados deputados por este circulo o srs. dr. Artur da Cunha Araujo, reconstituinte; dr. Antonio Maria Pereira Junior, liberal, e dr. Americo de Castro, democratico.

Para senadores, foram eleitos os srs. general Correia Barreto e dr. Pereira Osorio, democraticos, e dr. Augusto Pereira Pimenta e Rodrigo de Castro, governamentais.

Associação dos Jornalistas de Braga

A Associação dos Jornalistas e Homens de Letras de Braga, resolveu vir colocar uma lapide em agosto, na casa da rua 5 de Outubro, onde ha um mez faleceu o conhecido jornalista Candido Augusto Landolf, que por esta terra trabalhou deveras.

Uma missa

Os srs. Joaquim Martins da Costa e Antonio Martinho Fiusa da Silva, mandaram ha dias celebrar uma missa em sufragio da alma do saudoso fidalgo sr. Francisco Barbosa do Canto Cunha Sotto Maior, em S. Tiago Maior, com distinta concorrencia.

Uma operação

Sofreu ha dias uma operação no Porto, encontrando-se regularmente, o abalisado clinico e operador sr. dr. João Pedro de Sousa Campos, que no proximo dia 23 vê passar o 40.º aniversario da data em que defendeu tese, na Escola Medica do Porto.

Em Coimbra

O leilão Ameal

Coimbra, 22

Os srs. Alberto de Sousa, Gustavo de Matos Sequeira, Joaquim Pinheiro e Lino Ferreira, adquiriram por 5.0$00, no leilão Ameal, uma preciosa estatua da Virgem, seculo XVI, que ofereceram ao Museu Machado de Castro. E' um gesto muito simpatico, que honrou os seus autores, a quem Coimbra deve ficar reconhecido.

O quadro mais importante, vendido hoje no leilão Ameal, foi «Bourrique et bourriquet», de Renner Henriette, por 1.3.1$00, ao sr. Ferreira de Carvalho. O sr. Almeida Moreira adquiriu o quadro «Santo Antonio», seculo XV, para o Museu Grão Vasco, de Vizeu, por 140$00.

Congresso Pedagogico

No dia 1 do proximo mês de Agosto reunem em Coimbra os professores deste distrito que vão tomar parte no Congresso Pedagogico que vai realizar-se no Porto, para assentarem nos pontos de vista definitivos sobre as teses que vão ser apresentadas no mesmo congresso.

Pela Misericordia

Foi proposto para o lugar de professor da cadeira de Estetica e Historia da Arte anexa á Faculdade de Letras, vaga pelo falecimento do dr. Teixeira de Carvalho, o sr. dr. Virgilio Correia Pinto da Fonseca.

Greve academica

Só na proxima semana principia a sindicancia ácerca da greve academica.

Todas as questões de advocacia e procuradoria se tratam no
ESCRIPTORIO FORENSE
R. do Carmo, 35, 2.º
N.º TELEFONICO: 4:233 — C.

SAPATARIA SECULO XX
R. Nova do Almada, 63
Grande sortimento a preços modicos

Seale e Lucas
Importador e Exportador
19 Eastcheap EC3
LONDRES

ALVARO CAMPOS, LIMITADA
FORNECEDORES DOS HOSPITAIS CIVIS E MILITARES
Instrumentos cirurgicos. Aparelhos de medicina. Mobiliario cirurgico. Electricidade medica. Instrumentos para consultorios de dentistas. Instalações completas de salas de operações, dispensarios, postos de socorros, etc.
ANALISES
PROF. E. FRANCO da Faculdade de Medicina—PROF. CH. LEPIERRE do Instituto Superior Tecnico
Microscopios e microtomos Koristka. Productos quimicos. Vacinas e sóros Mulford.
Produtos opoterapicos do prof. Pittaluga. Produtos farmaceuticos «Meurice»
LISBOA
103, Largo das Duas Igrejas
TEL. C. 1017
PORTO
90, Rua Sá da Bandeira
TEL. 1775

MEIAS, PEUGAS E CAMISAS
Grande baixa de preços!!!
Meias de algodão a 1690, 1890, 2490 e 3790 réis!
" " sedaline a 4490, 5490, 6490 e 7490 réis!
" " musseline a 6490 e 7490 réis!
" " seda a 8490, 9490, 12.490 e 13.490 réis!
" " seda (saldo) a 4490 e 7490 réis!
10.800 pares de meias, bom algodão, preto, branco e cabedal, a 2.000 réis!!!
Peugas de bom algodão, a 1490 e 1890 réis! Peugas de fantasia, a 2490, 3000 e 3790 réis! Peugas, fio de Escocia, a 4390 e 5490 réis!
GRANDE SALDO!
Camisa, colarinho, punhos e uma gravata 12.500 rs.!!
Grandes abatimentos em todos os muitos artigos da casa!
CAMISARIA MODELO
RUA DO OURO, 116, 117, 119—LISBOA
PREÇOS DE OCASIAO!

N.º 32 — Folhetim do DIARIO DE LISBOA — 25-7-921

VITORIA

NOVELA PASSIONAL por KNUT HAMSUN

— Ah! Não sabia o que havia de fazer dêle; e então?

— Depois, perdi-o.

— Ora, pense, que má sorte! Talvez eu pudesse encontrar-lhe um igual, em qualquer parte. Hei de tentar, quere?

Voltaram para casa.

—E lembra-se tambem do medalhão grande? Era massiço, em ouro, e fixado numa montagem. No medalhão a Camila tinha escrito algumas palavras amaveis.

—Sim, lembro-me.

—O ano passado, no estrangeiro, fiz presente desse medalhão a alguem.

—Ah! realmente? Realmente... deu-o! Mas porquê?

—Foi a um rapaz russo, um camarada, que o ofereci como recordação. Caiu de joelhos para me agradecer.

—Tão grande foi o contentamento? Meu Deus era necessário estar infinitamente contente, para cair assim de joelhos. Há de ter outro para o lugar daquele e esse há de ser para si.

Tinham descido até ao caminho que ia do moinho ao castelo.

Johannes parou e disse:

—Um dia, ao pé desta mata, aconteceu-me uma coisa. Passei por aqui, ao entardecer, como fazia muitas vezes, nos meus passeios solitários. Era no verão, em tempo de noites claras. Deitei-me atraz da sébe e puz-me a devanear. Então, duas pessoas passaram dôcemente ao longo do caminho. A senhora parou. O seu companheiro preguntou-lhe:—Porque pára? E como não tivesse resposta, tornou a preguntar:—O que aconteceu?—Nada, respondeu ela, mas não olhe para mim assim.—Eu olhava-a, apenas, disse ele.—Sim, respondeu a senhora, eu bem sei que me tem amôr, mas o papá não consentirá, compreende; é impossivel. Ele murmurou:—Sim, deve ser impossivel... Depois ela acrescentou:—E' tão forte aqui, no pulso; tem uns pulsos extraordinàriamente fortes. E passou-lhe a mão sobre o pulso.

Pausa.

—E depois, que mais aconteceu? preguntou Camila.

—Não sei, respondeu-lhe Johannes. Porque lhe falava ela assim dos pulsos?

—Talvez fôssem bonitos. E tinham uma camisa branca por cima,—oh! sim, compreendo isso perfeitamente. Talvez ela gostasse dele tambem.

—Camila, disse ele, se eu a amasse muito e se esperasse alguns anos é apenas uma pregunta... Para dizer a verdade, eu não sou digno de si; mas crê que um dia poderia pertencer-me, se eu a pedisse, dentro dum ano ou dois?

Momento de silencio.

Camila fica subitamente vermelha e perturbada. O seu corpo miudo vacila e junta as mãos.

Johannes enlaça-lhe a cintura e pregunta:

—Acredita que isso possa suceder, um dia? Quere?

—Sim, respondeu ela, abandonando-se nos seus braços.

No dia seguinte, Johannes acompanhou-a ao caes. Beijou-lhe as mãos pequeninas, de gestos tão infantis, tão inocentes; estava cheio de dôces emoções de alegria.

Vitória não apareceu.

—Porque não vieram acompanhá-la?

Camila contou então, com os olhos cheios de terror, que o castelo estava mergulhado numa tristeza atroz. De manhã, tinha chegado um telegrama; o castelão empalidecera, o velho camarista e a mulher haviam soltado gritos de dôr: Otto morto com um tiro de espingarda, durante a caça, na véspera á tarde.

Johannes agarrou Camila pelo braço.

—Morto? O tenente?

—Sim. E neste momento vêm a caminho com o corpo. E' horrivel.

Prosseguiram o seu caminho, cada um mergulhado nas suas reflexões. O ruido da gente no caes, os gritos de comando no barco, fizeram-nos sair do seu torpôr.

Timidamente, Camila estendeu-lhe a mão; ele beijou-lh'a e disse:

—Não sou digno de ti, Camila, de maneira nenhuma. Mas hei de fazer-te todo o bem que puder, se quizeres ser minha.

—Sim, tua... Sempre o quiz, sempre...

—Sigo-te dentro de alguns dias, disse ele. Daqui a uma semana nos tornaremos a vêr.

Camila embarcou. Johannes disse-lhe adeus com a mão emquanto pôde avistá-la. Quando se voltou para se ir embora, Vitória estava atraz dele, e agitava tambem um lenço saudando Camila.

—Cheguei tarde demais, disse ela.

(Continua)

DAMIÃO & C.TA 57, Rua Garrett, 59
E' quem melhor veste as crianças

NO ESTRANGEIRO

A CRISE DA HABITAÇÃO

Em Paris, desde 1914 que os proprietarios deixaram de construir

Os artistas são desalojados pelos novos ricos — Uma sociedade imobiliaria de habitações baratas

Em Lisboa, onde nunca se deixou de construir, onde nos bairros novos em poucos meses se vêem povoados de casas terrenos completamente limpos de construções, ha uma crise de habitação, senão a maior, pelo menos das mais importantes crises que se têem feito sentir.

Em Paris porém o caso é ainda muito mais grave.

Desde a declaração de guerra, em 1914, que os proprietarios deixaram de construir. Pelos pedidos de certificado de salubridade se pode avaliar este facto: em 1912, houve 1000 pedidos; em 1913, 1176; em 1914, até 5 de Agosto, 1174. De 6 de Agosto até Dezembro de 1916, apenas 48; 25 em 1916; 32 em 1917; 9 em 1918.

Estes mesmos pedidos referem-se a casas começadas a construir anteriormente. Dos 70 pedidos para o Sena em 1919 apenas 15 são para Paris.

A par desta paralização absoluta de construção ha a destruição de casas antigas; o numero dessas destruições eleva-se a 2249.

A imigração da provincia para a cidade é intensissima.

Destes tres factos resulta uma crise de habitação que toca as raias de um verdadeiro flagelo.

Como sempre nesta circunstancias, a classe intelectual é que sofre. E como são os artistas os que não podem dispensar uma casa espaçosa satisfazendo determinadas condições, para se entregarem á escultura ou á pintura, são estes que sofrem mais do que ninguem e encontram-se numa situação dificilima, a que se procura dar solução.

As grandes divisões, de tectos altos, frentes envidraçadas e fundos, agradavam aos novos ricos porque ali a dama podia pavonear melhor o vestido novo e o chapéu diante do espelho do fundo; pelo mesmo motivo agradavam ás modistas. Agradavam aos antiquarios que ali instalavam as mobilias ricas para fazerem vista; os editores puderam acumular á larga os «stoks» de livros, e os novos ricos ainda lhe acharam serventia para as ornamentarem á antiga e fingirem um aposento artistico.

Os «ateliers» dos artistas foram disputados e, fracos perante a lei, tiveram de entregar o domicilio alugado a um novo locatario que podia compensar melhor o senhorio.

A percentagem dos artistas que conservaram os «ateliers» é diminuta: na rua Salons, de 27 ficaram 7; na rua Douai, de dois, nenhou ficou; na rua Lauriston, autentico viveiro de artistas antigamente, não há hoje nenhum, assim como na rua des Vignes, rua Sheffer, rua Franklin, etc.

Para remediar esta situação não podem os artistas fazer uma greve, que só a eles prejudicaria; não seria viavel uma lei que obrigasse os senhorios a restituir as casas aos artistas.

O conselho do sindicato profissional das artes graficas e plasticas resolveu constituir uma sociedade imobiliaria de habitações baratas e já foi recebida na Camara Municipal, por Lemarchand, que prometeu interessar-se pelo assunto.

A lei Ribot auxilia poderosamente a sociedade, que conta com a maior ajuda dos poderes publicos.

Há todas as razões para crer que lhe serão concedidos os terrenos das antigas fortificações.

Algarvia, L.da
Importadores e Exportadores
OLHÃO

O CUSTO DA VIDA

Nos Estados Unidos mantem-se, desde Maio, a estabilisação dos preços

Em certos artigos os preços são mais baixos que no ano de 1914

NEW-YORK, 25.—Emquanto o custo da vida continúa baixando em certos paises, noutros produz-se um movimento de estabilisação, especialmente nos Estados Unidos, onde os actuais preços de certos artigos são mais baixos que os do ano de 1914. A estabilisação dos preços começou a fazer-se sentir desde o mês de maio. Se se tomar 100 como termo de relação de 1913, as variações do dito comparam-se da seguinte fórma:

	Maio 1921	Abril 1921	Março 1921	Fevereiro 1921	Maio 1920
Produtos agricolas	117	115	125	129	244
Generos alimenticios	133	141	150	150	287
Vestidos	181	186	192	198	347
Iluminação	194	199	107	218	235
Metais	138	138	139	146	193
Materiais de construção	202	203	212	232	341
Produtos quimicos	176	168	171	178	215
Moveis	262	274	275	277	339
Varios	151	154	152	167	272

Desde Abril até Maio, a baixa é insignificante na maioria dos produtos e completamente nula nalguns deles. Os centros comerciais de New-York vêem nisto um indicio de estabilisação dos preços que poderão prolongar-se até que o mercado internacional tenha recuperado o seu equilibrio.

A maior esquadra do mundo

NEW-YORK, 25.—Os Estados Unidos vão concentrar no Pacifico a maior esquadra que se tem visto reunida no mundo.—(U. (P.)

O presidente Harding e Edison

NEW-YORK, 25.—O presidente Harding passou os ultimos dias da semana com Tomás Edison, no campo da «Fire Association».—(U. P.)

DE ESPANHA

Romanones e a politica externa

O marquês de Lema responde no "El Sol" ao conde de Romanones—Os interesses comerciais e politicos espanhois

(*Serviço especial para o* Diario de Lisboa)

MONDARIZ, 25.—O marquês de Lema, ministro dos negocios estrangeiros, que se encontra aqui fazendo a sua cura de aguas, fez importantes declarações ao correspondente do «El Sol», de Madrid, que veiu aqui entrevistá-lo ácêrca dum artigo que o conde de Romanones publicou naquele jornal contra a politica externa de isolamento da Espanha, cujas responsabilidades o conde de Romanones atribue ao marquês de Lema.

O ministro dos negocios estrangeiros refuta essas afirmações, dizendo que defendeu sempre, da maneira que lhe pareceu mais util, os interesses politicos e comerciais da Espanha. O marquês de Lema acrescentou que não desejava entrar, por agora, em controversias e que só nas camaras discutirá o assunto se o conde de Romanones assim o desejar.—(U. P.)

As operações militares em Marrocos

Um aviador ferido—Três estações de telegrafia sem fios perdidas

MELILLA, 25.—Foi ferido com um tiro, na perna esquerda, o capitão de engenheiros Luís Montalt, quando tripulava um aeroplano. O seu estado não inspira receio.

Na retirada dos espanhois diante dos ataques das harkas marroquinas perderam-se três estações de telegrafia sem fios, de campanha, com todo o seu material.—(R.)

Vai ser substituido o dia legal de oito horas?

BARCELONA, 25.—Tem sido muito comentada a nota apresentada pela União dos gremios á junta local de reformas sociais sobre a conveniencia de se substituir o dia legal de oito horas de trabalho.—(R.)

A GUERRA NO ORIENTE

Os exercitos turcos estão sendo perseguidos em direcção de Angora

Ismet Pacha fica ferido

ATHENAS, 25.—Comunicados da frente da batalha dizem que o exercita grego conseguiu um grande triunfo. Os exercitos turcos estão sendo perseguidos na direcção de Angora, tendo tido muitissimas baixas entre mortos e feridos, e deixado um grande despojo. Ismet pachá foi ferido, o chefe do estado maior kemalista foi morto, e morreram tambem muitos oficiais de elevadas patentes.—(U. P.)

A CIDADE PRODIGIO

New-York aumenta continuamente, quasi de minuto para minuto

Uma estatistica interessante —Uma casa de comercio com 10.000 empregados — Outros numeros curiosos

Acabam de chegar ao nosso conhecimento os seguintes dados estatisticos sobre New-York.

A grande cidade dos Estados Unidos cuja população é actualmente de 5.550.000 habitantes (era á hora a que foram comunicados estes dados), aumenta continuamente: de 51 em 51 minutos começam-se os alicerces duma construção; de 42 em 42 minutos abrem 4 novas casas de comercio.

A população aumenta de 100.000 almas por ano e a sua densidade é de 96.000 por milha quadrada. Atravessa todos os anos New-York um milhão de imigrantes; chegam diariamente a New-York para ali fixarem residencia 350 novos cidadãos. De 52 em 52 minutos entra na cidade um comboio de passageiros. A gare central subterranea, situada no centro da cidade, vê desfilar diariamente 100.000 passageiros e 800 comboios. Nos «halls», nos cais e nas salas de espera podem esperar ao mesmo tempo 30.000 pessoas.

Além dos electricos ha o metropolitano que, como em Londres, tem carros expressos. O numero de passageiros que se serve todos os dias deste meio de condução é de 3.500.000.

De 48 em 48 minutos um navio acosta ao cais.

As despezas da municipalidade elevam-se a 300.000.000 de dollares por ano, mas os serviços estão organizados na perfeição.

Se chove, grupos de varredores, bem uniformisados e munidos de vassouras mecanicas, surgem num instante e limpam a cidade, qual deles melhor.

As despezas de iluminação elevam-se a 5.000.000 de dollares por ano.

A cidade consome diariamente 615 milhões de galões de agua.

Ha em New-York 900.000 telefones, mais do que os de Paris, Londres e Berlim somados. Todos os hoteis de mediana importancia teem um telefone em cada quarto e por vezes tambem na casa de banho.

A maior construção é o «Equitable Building», quadrado de 144 metros de lado, com 37 andares, 18 ascensores e habitado durante o tempo de trabalho por 10:000 empregados.

A mais elevada construção é o «Woodwad Building» de 51 andares, 16 ascensores, dos quais 3 expressos, que se elevam á altura de 240 metros.

A maior ponte é a de Queensborn Budge, que tem 1950 metros de comprimento e passa 40 metros acima da agua.

DE LONDRES

A CHUVA ARTIFICIAL

LONDRES, 25

Durante as grandes sécas de que sofreu a Inglaterra, fizeram-se curiosas experiencias para provocar artificialmente a chuva por meio de ar liquido espalhado na atmosfera por aeroplanos. — (R.)

DE BRUXELAS

A NOVA BIBLIOTECA DE LOUVAIN

BRUXELAS, 25

Esta semana será colocada a primeira pedra da nova biblioteca de Louvain, que substituirá a que foi destruida pelos alemães em agosto de 1914. — (U. P.)

"DIARIO DE LISBOA"

Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

POLITICA MONARQUICA

A' VOLTA DA RECENTE ALIANÇA ENTRE OS LEGITIMISTAS E OS INTEGRALISTAS

UMA CARTA DO SR. ALFREDO PIMENTA E OUTRA DO SR. D. MIGUEL DE BRAGANÇA

Sr. director: — No «Diario de Lisboa» de ontem o sr. conde d'Almada, lugar-tenente da senhora duqueza de Guimarães, tutora politica de sua alteza o senhor D. Duarte Nuno, entre outras afirmações com que nada tenho, faz esta: «cumpre-me declarar que el-rei o senhor D. Miguel II nunca reconheceu a legitimidade da realeza do senhor D. Manuel de Bragança».

Ponho á disposição do senhor conde d'Almada e de v. o documento seguinte: «Vossa Majestade. — Só hoje posso responder e agradecer muito comovido a carta tão amavel que Vossa Majestade me dirigiu em resposta á minha proposta de pôr termo á divisão da nossa familia. Nesta minha primeira carta parece-me de meu dever o explicar-me o mais claramente possivel sobre o passo que quiz dar, para que não haja duvidas possiveis. O que, com aprovação de Vossa Majestade, quero fazer é o seguinte: pondo de lado tudo aquilo que eu chamo os meus direitos, eu e os meus filhos reconhecemos a situação existindo actualmente em Portugal e portanto não só reconhecemos a Vossa Majestade como de facto rei de Portugal, mas tambem prometemos, por emquanto Vossa Majestade e a sua descendencia fôr de facto reinante, sustentá-la e defendê-la com todos os meios ao nosso alcance. Que eu hei de guardar conscienciosamente e lealmente essa minha promessa, disso pode Vossa Majestade ficar certo. Não quero deixar a minima duvida sobre o motivo da minha acção. A unica coisa que eu queria é que se reconhecesse á minha linha o direito de sucessão, depois da linha de Vossa Majestade, e que eu e os meus pudessemos viver em Portugal, mesmo se só fosse por alguns meses no ano. Esta é, em largos trechos, a minha idéa, e espero que ela há de convir a Vossa Majestade. Mas, se por acaso houvesse alguma coisa que não fosse do agrado de Vossa Majestade nessa minha enunciação, peço que mo faça saber, porque então trataria de achar um modo de a mudar. Vossa Majestade bem há de compreender que nesto acto, que muda tudo o que os meus amigos em Portugal sempre tiveram por sacrosanto há mais de setenta anos, devo respeitar os sentimentos dêstes leais amigos, que espero seguramente serão de hoje em diante, tambem os leais amigos e subditos fieis de Vossa Majestade. E tambem devo tomar em consideração o respeito que devo á memoria de meu pai, que Deus haja, mas estou seguro que êle, considerando as circunstancias actuais, daria o seu consentimento, ao passo que empreendo. Espero que Deus dê a sua benção á minha resolução e que abençoe o reinado de Vossa Majestade, dando dessa maneira uma consolação verdadeira a Vossa Majestade e a Vossa mãe, que tenho em muita veneração. Tambem para mim seria a maior consolação de poder dizer-me que contribui um pouco para êsse resultado tão desejado. Repetindo os meus agradecimentos pela bondosa carta que tanto gôsto me deu, sou de Vossa Majestade, primo muito dedicado e amigo, *D. Miguel de Bragança*. — Viena, 15 de Março de 1909.»

Esta carta que transcrevo na integra vem publicada a pág. 128-129 dos «Documentos politicos».

Quero crer que a não conhecia o senhor conde d'Almada, ao fazer a declaração perentoria de que o senhor D. Miguel de Bragança nunca reconhecera a legitimidade da realeza de el-rei o senhor D. Manuel.

Reconheceu-a, como se vê. E se a sua proposta não teve o seguimento que desejava — isso deve-se á intervenção dos politicos responsaveis dessa época.

Esclarecido êste ponto, resta-me agradecer-lhe a amabilidade da inserção da minha carta. De v., com a melhor simpatia, seu amigo e colaborador,—*Alfredo Pimenta*.

O caso dos oficiais milicianos

O comandante da Escola de Guerra já mandou deter os oficiais milicianos que não tiraram ponto para exame.

Ultimas Noticias

O PARLAMENTO PELO TELEFONE

Abertura do Congresso

NOS DEPUTADOS

vai proceder-se á verificação dos poderes dos novos parlamentares

A' hora do meu primeiro telefonema as «nuances» que venceram candidaturas. Agora, a assistencia é mesmo numerosa. Devem estar na sala umas cem pessoas.

Redactor e taquigrafos estão nas suas bancadas, esperando que a sessão comece. O sr. Abilio Marçal entra pelo braço do seu amigo sr. Matos Rosa e apoiado a uma bengala, muito maguado ainda do grave desastre de automovel de que foi vitima em Sernache do Bomjardim. A's 15 horas o sr. Alvaro de Castro sobe á presidencia, pedindo atenção, em seguida ao que o sr. Afonso de Melo convidou os srs. Carvalho Mourão, Sampaio Maia e Pires do Vale, respectivamente, para presidente, secretário e escrutinador.

A' hora que telefono está a fazer-se a chamada.

Os novos deputados vão chegando ao Palacio do Congresso

A's 13,30 já se vêem mais futuros legisladores, todos êles dos que faziam parte da Camara dissolvida. Estão os srs. João Salema, Pires do Vale, Antonio Dias, Carvalho Mourão e outros antigos.

Alguns minutos passados, vão chegando deputados novos, que tomam assento entre a direita e o centro do hemiciclo. Devem ser liberais. Por emquanto ainda não lhes sabemos os nomes. Os continuos andam com grande actividade, prestando esclarecimentos aos recemchegados. Na esquerda vão aparecendo novos eleitos democraticos, que o sr. Pinto da Fonseca encaminha para os seus lugares. A's 14 horas a sala está já muito animada e deve dizer-se que o maior numero de presentes é constituido por gente nova. Conversa-se em grupos e parece que se desenham acordos para a organização das comissões a eleger.

O ex-ministro da marinha sr. Fernando Brederode, que, como se sabe, abandonou o partido popular, filiando-se no P. R. P., toma lugar entre os seus novos correligionarios.

Do governo, mas fora da bancada ministerial, estão os srs. ministros do trabalho, agricultura, interior, comercio e justiça.

O sr. Alvaro de Castro sóbe á presidencia e pede atenção

A's 14,30 vêem-se representadas todas as «nuances» que venceram candidaturas. Agora, a assistencia é mesmo numerosa. Devem estar na sala umas cem pessoas.

Redactor e taquigrafos estão nas suas bancadas, esperando que a sessão comece. O sr. Abilio Marçal entra pelo braço do seu amigo sr. Matos Rosa e apoiado a uma bengala, muito maguado ainda do grave desastre de automovel de que foi vitima em Sernache do Bomjardim. A's 15 horas o sr. Alvaro de Castro sobe á presidencia, pedindo atenção, em seguida ao que o sr. Afonso de Melo convidou os srs. Carvalho Mourão, Sampaio Maia e Pires do Vale, respectivamente, para presidente, secretário e escrutinador.

A' hora que telefono está a fazer-se a chamada.

NO SENADO

Os srs. Afonso de Lemos e Alfredo Portugal, presidente e vice-presidente desta camara?

A' hora a que escrevemos é grande a animação no hemiciclo do Senado. Conversa-se com entusiasmo, fuma-se e, a par de várias conferencias entre os representantes dos diferentes partidos e grupos politicos, — para que fim?... — notam-se isolados, passeando, os srs. Julio Dantas e Benjamim Jeronimo, o primeiro dos quais protestou contra a eleição do segundo pelo circulo de Leiria.

O sr. Julio Dantas aguarda a eleição da comissão de verificação de poderes, a qual terá imediatamente de resolver sobre a sua reclamação. O sr. Benjamin Jeronimo, que já foi proclamado senador, toma parte nos trabalhos da Camara.

O sr. Augusto de Castro ocupa o antigo lugar do sr. Herculano Galhardo, «leader» do P. R. P.

Os catolicos tomam assento no sector que na preterita sessão legislativa tinham assento os senadores independentes.

A's 14,50 o sr. Jacinto Nunes (liberal) assume a presidencia, convidando para secretariar os srs. Alfredo Portugal e Benjamin Jeronimo.

Vai proceder-se á eleição da comissão de verificação de poderes.

Indigitam-se para presidente e vice-presidente desta casa do Parlamento, respectivamente, os srs. drs. Afonso de Lemos e Alfredo Portugal.

DEBAIXO DE UM ELEVADOR

MORTE DESASTROSA

Na alfaiataria Nunes Correia, da rua Augusta, deu-se ontem um lamentavel desastre, que motivou a morte de um velho porteiro de nome José Maria dos Santos, que residia na rua Renato Baptista, 94. O infeliz velho encontrava-se a limpar a grade que guarnece o ascensor daquele estabelecimento e a certa altura tendo mandado subir o elevador, afim de passar de 1.º ao 2.º andar, fêl-o tão imprevidentemente que foi arrastado, ficando esmagado pelo aparelho.

O cadaver de José Maria dos Santos, depois de verificado pelas autoridades, foi conduzido para a morgue.

CANHONEIRA "PATRIA"

Um credito para proceder a reparações

Foi aprovado o crédito de 9.000$00 para se proceder ás reparações necessarias na canhoneira «Patria».

Armadores de cêrcos de Olhão

Uma reclamação ao ministro da marinha

O sr. ministro da marinha mandou ouvir a estação superior do seu ministerio ácêrca da reclamação apresentada pelos armadores de cêrcos de Olhão.

Conselho de ministros

Trata-se de politica geral e de assunto parlamentar

O conselho de ministros reuniu hoje, pelas 16 horas, a fim de tratar de assuntos de politica geral, de administração publica e parlamentar.

Malas postais para a Guiné

Pelo «Bolama» são ámanhã expedidas malas postais para a Guiné, sendo ás 13 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 11.

S. CARLOS Companhia REY COLAÇO ROBLES MONTEIRO

HOJE A's 9 1/2 Entre Giestas

ULTIMA REPRESENTAÇÃO

QUARTA-FEIRA, 27—1ª representação da peça «SEDUTORES» original de Vasco Mendonça Alves.—Estreia em declamação de Maria Judice da Costa.

OS TEATROS

A primeira da peça "Sedutores" no teatro de S. Carlos

E' na proxima quarta-feira que em S. Carlos se representa a peça «Sedutores», original português do distincto escritor Vasco Mendonça Alves. A peça que será posta em scena com todo o rigor, tem scenarios novos e mobiliario a proposito. A sua distribuição é a seguinte:

«Madalena», Amelia Rey Colaço; «Tereza», Maria Judice da Costa; «Angela», Constança Navarro; «Fernando de Menezes», Robles Monteiro; «Paulo de Melo», Henrique de Albuquerque; «Luis Coutinho», Ernesto Rodrigues; «José», José Alves; «Manuel», Tomé da Veiga.

A peça está sendo ensaiada por Antonio Pinheiro. Os interiores são cuidados pela casa Araujo & Bastos da rua da Palma.

«Sedutores» é uma obra intensamente dramatica recheiada de scenas emocionantes e de lances imprevistos.

Entre nós

A epoca de inverno no Salão Foz será inaugurada com uma fantasia de André Brun.

—No Nacional está em ensaios a peça «O Tufão».

—A peça «Traité de Auteuil», com que Samwel Diniz faz a sua festa, é traduzida por Avelino de Almeida.

—O maestro Vasco Macedo anda em «tournée» pelo Alentejo com as artistas «Violetas».

—A «troupe» Tomás Vieira, que partiu para a Africa, levou no seu repertorio as peças: «Duas causas», «A's escuras», «O milagre da boneca», «Vingança cruel», «O grande herol», «Ele... ela... e ele», adaptadas por Mario Duarte e Alberto de Morais.

—A actriz Adelina Fernandes foi contratada para a companhia Barreiros, que explora no inverno o Eden-Teatro.

—Para a companhia Augusto Gomes, do Apolo, foi contratada a actriz Ermelinda Fontes.

—Carlos Santos interpreta pela primeira vez, na «Fedora», o papel de «Ipanoff». Esta peça sobe á scena na sexta-feira, no Avenida, em festa do actor Judicibus.

—O actor Samwel Diniz realisa a sua festa no Avenida, com a peça «Traite d'Auteuil».

Reclamos

S. CARLOS.—Depois de «Entre Giestas», o notavel drama rural de Carlos Selvagem, segue-se no S. Carlos um novo original português «Sedutores», de Vasco Mendonça Alves, que sobe á scena na proxima quarta-feira, e vai posto com o maior rigor pelo professor Antonio Pinheiro, tendo ainda como atracção a estreia de Maria Judice da Costa. «Entre Giesteos repete-se hoje.

COLISEU DOS RECREIOS.—Ontem fizeram-se cinco excelentes assaltos. Num deles o campeão português Grilo tombou Noel, depois duma luta assás luzida. Petersen e Carlo Ré, os dois colossos, fizeram um maravilhoso combate, em que o valor de ambos foi posto á prova. Venceu o campeão do mundo, após 20 minutos de combate. Vance derrotou Angers, Wilson o espanhol Rato e Van der Berk o francês Dame.

Hoje realizam-se os seguintes combates: Van der Berk contra Vance, Angers contra Wilson, Noel contra Rato, S. Ghavalier contra Steurs e Grilo contra Dame.

Espectaculos

S. CARLOS—A' 21,30—«Entre giestas».
NACIONAL—Não há espectaculo.
S. LUIZ—A's 21—«A mulher artificial».
GIMNASIO—A's 21,30—«O celebre Pina».
APOLO—A's 21,30—«Porto, tantos de tal».
AVENIDA—A's 21,30—«Os conquistadores».
POLITEAMA—A's 21,30—«Avè Maria».
EDEN—A's 21,30—«Pé de dança».
SALÃO FOZ—A's 20,30 e 22,30—«Trólaró».
COLISEU DOS RECREIOS—A's 21-30—Variedades. Campeonato internacional de luta.

CHIADO TERRASSE—A's 9—Animatografo e variedades.
TEATRO GIL VICENTE (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas-feiras «Depois do degredo!».
OLIMPIA—Animatografo e concerto.
SALÃO CENTRAL—Animatografo e concerto.
CINEMA CONDES—Animatografo e concerto.
SALÃO IDEAL—Animatografo.
SALÃO DOS ANJOS—A's 21,30—Cinema e variedades.

CAMBIOS

	Compra	Venda
Londres cheque	8	7 3/4
» 90 dias	8 1/8	—
Cambio-Rio s|Londres	6 15/16	—
Paris	648	670
Italia	366	378
Belgica	633	654
Suissa	1374	1418
Madrid	1078	1115
Berlim	108	112
Holanda	2620	2700
New-York	8350	8620
Desconto do Banco de Inglaterra	5 1/2	—
» mercado livre	—	—
» do Banco de França	—	—
» Banco de Portugal	7 0/0	—
Libras	35000	40600
Agio do ouro	6 0 0/0	800 0/0

João da Silva dos Santos

Realizou-se ontem o funeral do sr. João da Silva dos Santos, empregado da firma Abel Pereira da Fonseca, onde era estimado, não só pelas suas belas qualidades, como tambem pela sua assiduidade.